

Homenagem ao Armando Sevinate Pinto | 24, setembro, 2015

O Regadio

Francisco Gomes da Silva

Caros amigos,

Utilizando um título da moda... isto é tudo muito bonito, mas ... é o cabo dos trabalhos.

Recordar o Armando, através de um tema que lhe era tão caro - o regadio - e perante um conjunto de pessoas suas amigas, não se afigura tarefa fácil. Para mim, pelo menos, não o é. E desde logo porque cometi a enorme asneira de tentar reconstruir, a partir das minhas memórias ainda tão recentes, como seria uma apresentação do Armando sobre o Regadio, num dia como o de hoje, perante esta mesma plateia.

Enorme asneira, de facto! Seria certamente uma conversa fluida e cativante, que cruzaria a firmeza das suas ideias e opiniões sobre o tema, com a afabilidade da sua maneira tão própria de dizer. Por certo que ilustraria tudo isto com um sem número de histórias cheias de humor: aquelas histórias que todos lhe ouvimos repetidas vezes, mas que não nos cansávamos de ouvir uma vez mais, pelo simples prazer de podermos sorrir ou dar uma valente gargalhada.

A impossibilidade, por falta de talento, de fazer a “coisa à moda do Armando”, foi ainda agravada pela impossibilidade de poder com ele discutir o assunto, em amena cavaqueira, como tantas vezes tive a felicidade de fazer no passado, nos almoços com ele e com o Piló, no restaurante no “Pai do Vento”.

Enfim. Cada qual é para o que nasce, e quem não tem cão caça com gato. Ou seja, sem ser á moda do Armando, decidi socorrer-me, de memória, de uma das últimas conversas que com ele tive, penso que também com o Piló, nesse mesmo restaurante, sobre um texto que tinha escrito para enviar para o jornal Público. “Bendita água” era o título desse texto, que viria a ser o seu último texto publicado. Nesse dia, repetindo um gesto que lhe era tão típico, saca de um dos seus inúmeros cadernos de rascunho, cheio de folhas dobradas lá dentro, e dispara: “Ó Gomes da Silva, pah. Ouve lá isto que escrevi para me dares a tua opinião”. E lê o texto que todos, certamente, conhecem. E lá estava eu, bafejado pela sorte de ser alvo da sua amizade, a mandar umas bocas despreocupadas sobre o assunto, para alguém com mais saber, experiência e reflexão sobre a matéria. Mas era mesmo assim o Armando: gostava de saber o que os seus amigos pensavam das suas opiniões. E se fosse possível os amigos gostarem delas, isso preenchia-o.

Aquilo que aqui vos trago sobre o regadio é, assim, fruto deste exercício: cruzar aquilo que escreveu nesse texto com aquela que

foi uma animada conversa ao almoço. E assim percorreremos pela rama, também despreocupadamente, algumas das questões do regadio em Portugal.

E começo por algo só aparentemente contraditório, e que veio à baila nessa ocasião: o Armando era um homem do sequeiro. Estruturalmente. O seu Alentejo, o das raízes da sua infância, o da sua juventude, aquele que tão cedo na vida lhe trouxe as primeiras responsabilidades enquanto agricultor, era o Alentejo do sequeiro, dos alqueives de verão, do cereal amarelo e do montado, que avistava a água um pouco lá mais adiante, nas albufeiras do Roxo e de Odivelas. Daí o entusiasmo e a militância com que encarava a água e o seu poder transformador. Daí o título do seu último artigo: “Bendita água”. Só quem conhece a agricultura sem água sabe valorizar tão bem a presença do regadio. Por isso o Armando vibrou com a entrada de água na sua agricultura: primeiro o seu olival (que o exasperava, pois estava sempre pior do que outros, fruto, segundo ele, das variedades nacionais que teimou em querer manter), depois o seu amendoal, esse sim, uma obra-prima dele, do Filipe...e da água.

Daí também a enorme irritação com que sempre encarou a postura desconfiada, por vezes (nas suas palavras) ignorante, da generalidade dos países europeus nesta matéria. E passo a citá-lo:

“... Portugal, tal como os restantes países do Sul da Europa, cujas agriculturas dependem, em larga medida, do regadio, tem sido vítima da ideia absurda, defendida por muitos países do Norte, de que o regadio é prejudicial ao ambiente e nesse sentido não deve ser apoiado pela União Europeia...”. Fim de citação.

E tudo isto se tem revelado tão verdade. Atente-se na enorme dificuldade que existiu em conseguir consagrar no PDR2020 medidas de apoio ao investimento na requalificação e na construção de infraestruturas de rega. Tal apenas se tornou possível depois de Portugal aceitar um compromisso de que tais investimentos iriam conduzir a uma redução do volume de água utilizada na rega. Resquícios claros do ambientalismo bacouco, pouco esclarecido e informado.

Atente-se também na ainda mais perversa alteração que Portugal teve que introduzir na medida agroambiental que visava, na sua génese, a melhoria da eficiência no uso da água, comprometendo-se agora os agricultores a uma redução de 7,5% nos volumes utilizados. Quer aumente ou não a eficiência do seu uso, desde que utilize menos água (regando eventualmente pior e desperdiçando, por isso mesmo, aquela que utiliza, retirando-lhe produtividade) recebe a ajuda. Como alguém já se questionou: será que a comissão confundiu uso eficiente com uso deficiente?

E continuando a citar, ainda sobre o mesmo tema:

“... não vejo qual seja o interesse em destacar o consumo agrícola de água como se se tratasse de algo pouco natural ou pouco racional. De cada vez que consulto um qualquer estudo ou documento relacionado com a água, entre os primeiros parágrafos, é frequentemente dito que a agricultura consome cerca de 70% da água disponível e, na esmagadora maioria dos casos, esta afirmação é associada a um sentimento crítico implícito, atribuindo-lhe uma carácter excessivo, desnecessário ou negligente. ...”. Fim de citação.

Também em Portugal, as posições críticas face ao regadio fizeram (e ainda fazem) o seu caminho, e mereceram igual incompreensão do Armando. Citando-o de novo:

“Em Portugal, o regadio também conta com muitos críticos. Ao longo do tempo, foram contra todos os empreendimentos hidroagrícolas, designadamente contra o Alqueva e contra os sistemas de regadio em geral. Devo dizer que nunca compreendi a posição destes grupos de portugueses que dizem defender o ambiente e a biodiversidade, sendo contra o regadio... Reconhecemos que há muitas formas de regar, mais ou menos cuidadas, mais ou menos consumidoras de água e também mais ou menos poluidoras, não diretamente da responsabilidade da rega, mas da intensidade tecnológica no que respeita a fertilizações e tratamentos fitossanitários e a outras práticas agrícolas de cuja

execução, se for descuidada, podem resultar prejuízos ambientais.”

Fim de citação.

A história recente do nosso regadio tem comprovado isto mesmo: fruto da tecnologia, do saber e de algumas escolhas racionais dos agricultores (como por exemplo deixar de regar solos marginais de baixíssima produtividade), nos últimos 15 anos a agricultura de regadio amentou a produtividade da água (quer em termos físicos quer em termos económicos) em mais de 40%.

Mais: consequência da medida do uso eficiente da água que atrás mencionei, a partir deste ano de 2015, temos cerca de 100.000 hectares que passaram a ser regados por agricultores que utilizam tecnologias reconhecidas como mais eficientes no uso da água. Mas as preocupações dos agricultores nesta matéria, bem como o seu esforço de apagar essa (falsa) imagem de desperdiçadores de água, vão mais longe: a FENAREG está hoje envolvida num projeto, com o ISA, com o objetivo de criação de uma “etiqueta” que distinga produtos agrícolas obtidos a partir de usos de água eficientes (o Megawater).

Sendo um homem com origens no sequeiro, o Armando assumiu o regadio como uma necessidade vital para Portugal. Em particular, como uma necessidade vital para o “seu” Alentejo. Espelho disso mesmo foi a dedicação com que se entregou, em diversas fases da

sua vida, à defesa de Alqueva. Citando ainda o artigo “Bendita água”:

“... O grande projeto de regadio de Alqueva, que quase diariamente é notícia, agora quase sempre por bons motivos, (...) foi iniciado debaixo de críticas violentas de defensores do ambiente que só lhe encontravam defeitos, e de gurus da economia que consideravam o projeto um elefante branco sem futuro. A região beneficiada pelo Alqueva está a mudar para melhor. Há mais atividade, mais investimento, mais trabalho e mais riqueza gerada. Há novas culturas na região e novos protagonistas, nacionais e estrangeiros. Estima-se que já tenham sido investidos mais de 750 milhões de euros em investimentos produtivos e criados mais de 4000 empregos diretos. O acréscimo de valor acrescentado anual na região já supera os 60 milhões de euros, devendo atingir em pleno um acréscimo de 160 milhões de euros quando 80% da área beneficiada de 120.000 hectares estiver a regar (sem contar com o valor acrescentado na transformação dos produtos agrícolas ali produzidos que poderá trazer este valor para próximo do dobro). ... É sabido que o regadio faz multiplicar, pelo menos por sete, todos os indicadores de produção”. Fim de citação.

Mas Alqueva foi igualmente fonte de algumas preocupações para o Armando. Para algumas delas procurou ativamente resposta, para outras teve a coragem e a clarividência de as formular.

Rebuscando na memória esse almoço e relendo o artigo que me tem servido de mote, identifico claramente quatro dessas preocupações.

- **Primeira preocupação: os pequenos e muito pequenos agricultores**

Citando: “... também existem ainda problemas significativos por resolver. O maior dos quais parece-me ser o dos pequenos e muito pequenos agricultores, tecnicamente pouco apetrechados, envelhecidos, isolados e quase sempre descapitalizados que, apesar de não gerirem uma área significativa, são em número muito elevado e integram a parte da população mais significativa das povoações abrangidas pelo projeto. Não quero ser injusto, mas não me parece que estejam a ser ponderadas estruturas, modelos e dinâmicas de desenvolvimento capazes de os integrar nos benefícios do projeto.” Fim de citação.

- **Segunda preocupação: que culturas poderão ocupar as áreas beneficiadas por Alqueva**

Para tentar responder a esta preocupação, mais antiga do que a anterior, o então Ministro Armando Sevinate Pinto solicitou aos serviços do Ministério a realização de um trabalho de fundo sobre

a matéria. Surgiu assim (2004/2005) um trabalho de excelente qualidade: “o Alqueva Agrícola”, um autêntico atlas agrícola para a região. De facto, enquanto homem do sequeiro, o Armando sabia bem, pela sua própria experiência, que a reconversão do sequeiro em regadio era algo de muito exigente para os agricultores. Nessa mesma conversa ao almoço, e em discordância com algo que lhe tinha dito, afirmou: “para reconverter sequeiro em regadio, não basta plantar bocas de rega nas parcelas”. Nada mais verdadeiro.

– **Terceira preocupação: o preço da água e a competitividade da agricultura de regadio**

É uma questão que está na ordem do dia, especificamente por causa de Alqueva. E era uma preocupação que o Armando cruzava com a questão dos pequenos agricultores. Sobre ela não recordei nenhuma opinião muito definitiva. Mas olhava para o óbvio: tendo sido feito um esforço de investimento tão grande, tendo-se alterado a face da região, é impensável que o preço da água se constitua como um obstáculo intransponível ao regadio.

Como saberão, a AGROGES encontra-se a fazer um estudo sobre este assunto para a EDIA, tentando balizar, com base em argumentos técnicos e económicos, possíveis caminhos para uma decisão em matéria de tarifário da água que é, forçosamente e em

última análise, uma decisão política. O jeito que dava tê-lo cá connosco para animar esta discussão...

– **Quarta preocupação: um modelo para a experimentação e transferência de tecnologias de regadio**

Não me alongo sobre esta questão, pois o António Sevinate Pinto vai encarregar-se dela. Gostaria apenas de frisar que, neste domínio, o Armando tinha ideias fixas e muito claras: a experimentação que era necessário fazer em Alqueva, para divulgar e testar as diversas culturas e tecnologias de regadio, tinha que se basear numa rede de campos dos próprios agricultores, principais interessados nos seus resultados. E bem o tentou.

Abusando apenas de mais dois minutos do vosso tempo, não queria terminar sem dar nota de duas outras questões, transversais ao regadio (e não exclusivas de Alqueva), sobre as quais conversei algumas vezes com o Armando. Aqui não registo tanto a opinião dele, mas a minha.

Uma primeira tem a ver com a questão da Floresta regada em perímetros públicos. Quando olhamos para a taxa de adesão ao regadio de diversos perímetros públicos, e percebemos que ela dificilmente será mais elevada devido às características menos

interessantes dos respetivos solos para a agricultura, a pergunta é inevitável: não será hora de visitar este assunto sem complexos? Não estaremos a desperdiçar uma oportunidade de rentabilizar os recursos (solo e água), contribuindo, por exemplo, para minimizar a importância da questão do preço da água? Na minha opinião estamos!

A segunda e última nota que gostaria de vos deixar, não tão controversa, mas sem dúvida importante para o futuro do regadio em Portugal, tem a ver com a necessidade de se rever o regime jurídico das Obras de Aproveitamento Hidroagrícola. Vem este assunto a propósito de uma das raras ocasiões que me recordo de estar em desacordo com o Armando: a polémica entrega, em 2013, dos blocos de rega do Alqueva à gestão da EDIA. Entendia a este propósito o Armando que os blocos deveriam, à medida que ficassem prontos, ser entregues à gestão das Associações de Regantes. Saudavelmente, não estivemos de acordo. Mas ambos concluímos que a legislação precisava de ser revista.

Muito mais haveria, certamente, a dizer sobre o assunto. Mas isto foi aquilo que me ocorreu, ao pensar no Armando, o homem do sequeiro, sabedor do valor do regadio. Bendita água.

Até sempre, Armando.